

**SOCIEDADE DE ENSINO SUPERIOR AMADEUS - SESA
FACULDADE AMADEUS - FAMA
CURSO DE PEDAGOGIA**

LEIDIANE SANTOS JANUÁRIO

**A LUDICIDADE NA CONTAÇÃO DE ESTÓRIAS PARA ALUNOS DA PRÉ-
ESCOLA**

**Aracaju – SE
2021.2**

LEIDIANE SANTOS JANUÁRIO

**A LUDICIDADE NA CONTAÇÃO DE ESTÓRIAS PARA ALUNOS DA
PRÉ-ESCOLA**

**Monografia apresentada à disciplina
Trabalho de Conclusão de Curso, do
Curso de Licenciatura em Pedagogia
da Faculdade Amadeus como requisito
para obtenção da nota final.**

**Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria
Aparecida Souza Couto**

**Aracaju – SE
2021.2**

A LUDICIDADE NA CONTAÇÃO DE ESTÓRIAS PARA ALUNOS DA PRÉ-ESCOLA

Artigo científico apresentado à Sociedade de Ensino Superior Amadeus, como requisito final para obtenção do Grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Coordenador do Curso Williams dos Santos

Orientadora Prof^a Dr^a Maria Aparecida Souza Couto

Avaliadora Prof^a Dr^a Tâmara Regina Reis Sales

Avaliadora Prof^a Me. Carla Daniela Kohn

Aprovada em: Aracaju, 19/11/2021.

Dedico este trabalho a minha família pelo incentivo e apoio e aos meus queridos mestres pela formação compromissada e de qualidade.

AGRADECIMENTOS

A realização de trabalho somente foi possível graças:

Agradeço primeiramente a Deus que iluminou meu caminho nesta jornada.

Agradeço aos meus familiares principalmente meus pais Damião Januário e Maria Aparecida Santos Januário que sempre incentivaram meus sonhos e estiveram ao meu lado.

Agradeço aos meus filhos Guilherme e Júlia que são minha fonte de inspiração, especialmente a Guilherme, que sempre me auxiliou com as tecnologias digitais.

Agradeço ao meu esposo Gemerson Diego, que de forma especial deu-me força e coragem nos momentos de dificuldade.

Agradeço a minha amiga, Priscila de Jesus Santos que sempre me motivou e foi minha segunda orientadora, me dando todo o suporte para a realização deste trabalho.

Agradeço a minha orientadora Maria Aparecida Souza Couto, por toda paciência, incentivo, apoio, compreensão e por acreditar que tudo daria certo.

Agradeço às professoras que compõem a minha banca examinadora Tamara Regina e Carla Daniela Kohn que generosamente aceitaram o convite.

Aos professores da Faculdade Amadeus, pelo acolhimento e pelo maravilhoso trabalho de formação acadêmica.

"[...] como é importante para formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser e ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo [...] ouvir histórias é um acontecimento muito prazeroso que provoca o interesse das pessoas em todas as idades". (ABRAMOVICH, 1997, p.16).

RESUMO

Tendo em vista a necessidade de mostrar a importância dos recursos lúdicos no processo de aprendizagem significativa no convívio das crianças na etapa da pré-escola, pesquisa-se sobre a ludicidade na contação de histórias para os alunos da pré-escola, a fim de compreender as contribuições das práticas lúdicas no processo de aprendizagem dos alunos da pré-escola por meio da contação de histórias. Para tanto, foi necessário verificar por meio da pesquisa documental via Base Nacional Comum Curricular, no Campo de Experiência “Escuta, fala, pensamento e imaginação” as habilidades a serem desenvolvidas pelas crianças da pré-escola; entender como a ludicidade colabora com o processo de aprendizagem das crianças da pré-escola e compreender como a contação de histórias estimula a criatividade e imaginação das crianças da pré-escola. Realiza-se, então, uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa. Diante disso, verificou-se que a contação de histórias é um momento prazeroso que pode ser enriquecido de recursos; que as práticas da contação quando incluem a ludicidade podem ser relacionadas às atividades cotidianas; entende-se a importância do lúdico como metodologia de ensino e que a contação torna-se um método eficaz para o desenvolvimento das crianças, o que impõe a constatação de que a contação fortalece a realidade pedagógica dos professores e auxilia na formação dos alunos como leitores.

Palavras-chave: Contação de Histórias. Ludicidade. Pré-Escola.

ABSTRACT

Bearing in mind the need to show the importance of playful resources in the significant learning process in the interaction of children in the pre-school stage, we research the playfulness in storytelling for pre-school students, in order to understand the contributions of playful practices in the learning process of preschool students through storytelling. Therefore, it was necessary to verify, through documentary research via the Common National Curriculum Base, in the Experience Field "Listening, speaking, thinking and imagination", the skills to be developed by preschool children; understand how playfulness collaborates with the learning process of preschool children and understand how storytelling stimulates preschool children's creativity and imagination. Then, a bibliographical research with a qualitative approach is carried out. Therefore, it was found that storytelling is a pleasurable moment that can be enriched with resources; that counting practices, when they include playfulness, can be related to everyday activities; it is understood the importance of play as a teaching methodology and that storytelling becomes an effective method for the development of children, which imposes the realization that storytelling strengthens the pedagogical reality of teachers and helps in the formation of students as readers.

Keywords: Playfulness. Pre-School. Storytelling.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A CONTAÇÃO DE ESTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	15
2.1 A Contação de Estórias para o Processo de Ensino-Aprendizagem.....	18
2.2 A contação de Estórias e a Prática Lúdica Mediada pelo Professor	26
3. A CONTAÇÃO DE ESTÓRIAS SOB O OLHAR DA BNCC	32
3.1 Contribuições da Ludicidade no Processo de Aprendizagem.....	35
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia aborda a contação de estória para criança da Educação Infantil por meio da ludicidade ao compreender que, por meio deste recurso, o ambiente escolar pode incrementar as atividades pedagógicas despertando nas crianças o interesse em realizá-las, pois tratam-se de atividades concretas, trazendo com elas espontaneidade e fazendo com que a criança explore a motricidade bem como as relações interpessoais, o conhecimento das emoções e sentimentos das crianças, resultando na descoberta de potencialidades, habilidades e no crescimento da inteligência emocional. Isto porque, de acordo com Vygotsky (1988), aprendizado e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida. Assim, pode-se ressaltar que o aprendizado da criança começa muito antes dela ingressar na escola, porém, é na escola que as aprendizagens serão pedagogicamente planejadas de modo a acompanhar as etapas de desenvolvimento das crianças tendo a ludicidade como estratégia metodológica primária.

Por meio da contação de estória podemos despertar nas crianças o prazer da leitura, ampliar as vivências, desenvolver a imaginação, tornando-as capazes de expressar, escutar, ampliar o vocabulário e melhorar significativamente a linguagem oral. Concorde-se “[...] como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter o caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo [...]”. (ABRAMOVICH,1997, p.16).

Quando a criança adquire o hábito de ouvir estórias desde pequena, ela passa a ter uma formação de identidade compreendendo que, através daquela vivência irá estabelecer uma relação de troca com o contador de estórias, trazendo um aprendizado pedagógico, cultural e afetivo os quais serão utilizados durante toda a vida. Esse hábito pode ser desenvolvido pelo professor. O professor que conta estórias contribui com o desenvolvimento do seu aluno, estimulando memórias, resgatando as experiências de cada uma através das experiências vividas por eles, sendo assim ao ouvir estórias as crianças podem relacionar os textos com histórias que atravessam sua estória familiar.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é um documento que regulamenta quais são as aprendizagens essenciais a serem trabalhadas nas escolas brasileiras públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino

Médio para garantir o direito à aprendizagem e o desenvolvimento pleno de todos os estudantes. A BNCC determina que as aprendizagens a serem experienciadas pelas crianças na escola devem ser organizadas por meio do currículo que é o caminho para garantir os direitos e os objetivos de aprendizagem desde quando deve conter as propostas, estratégias para guiar o que acontece dentro da sala de aula.

[...] BNCC e currículos têm papéis complementares para assegurar as aprendizagens essenciais definidas para cada etapa da Educação Básica, uma vez que tais aprendizagens só se materializam mediante o conjunto de decisões que caracterizam o currículo em ação. (BRASIL, 2018, p. 16).

Na Educação Infantil, “os Campos de Experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural” (BRASIL, 2018, p. 40). Estes campos promovem a habilidade de comunicação e entendimento favorecendo o desenvolvimento e a solidificação do pensamento, seja ele crítico ou abstrato como também, a imaginação. Com isso, favorece a utilização de recursos lúdicos nas atividades em que as crianças apresentam suas habilidades e reforçam seu conhecimento das práticas do seu dia a dia, colaboram com a alfabetização incluindo a fala, a escrita e a leitura.

Por conseguinte, o Campo de Experiência escuta, fala, pensamento e imaginação é o campo que mais contempla o tema de pesquisa aqui abordado, uma vez que as habilidades que esse campo busca trabalhar é o convívio dos alunos, a linguagem verbal, a criatividade, o desenvolvimento do pensamento com mais facilidade visando desenvolver na criança o sentimento de protagonismo da sua própria história. Neste sentido, a BNCC afirma:

A Educação Infantil precisa promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar, explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações. Assim, a situação escolar está criando oportunidades para que as crianças ampliem seus conhecimentos do mundo físico e sociocultural e possam utilizá-los em seu cotidiano. (BRASIL, 2018, p.41).

Diante do exposto, a problemática que norteou o estudo foi: Qual a relevância da ludicidade como recurso de aprendizagem na contação de histórias aos alunos da pré-escola?

Desta forma, elegeu-se como objetivo geral da pesquisa analisar as contribuições das práticas lúdicas no processo de aprendizagem dos alunos da pré-escola por meio da contação de estória, e os objetivos específicos são: analisar o Campo de Experiência “Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação” as habilidades a serem desenvolvidas pelas crianças da pré-escola; entender como a Ludicidade contribui no processo de aprendizagem das crianças da pré-escola; compreender como a contação de estória estimula a criatividade e imaginação das crianças da pré-escola.

Portanto, destaca-se que a escolha deste tema se deve ao fato de a proponente desta pesquisa perceber a necessidade de mostrar a relevância dos recursos lúdicos para o processo de aprendizagem significativo entre crianças na fase da pré-escola uma vez que, ao brincar a criança demonstra uma linguagem própria utilizando gestos e práticas cheias de significados, aos quais demonstram sua afetividade no aprendizado. De tal modo que a contação de estórias é também uma maneira de brincar e,

Brincar de forma livre e prazerosa permite que a criança seja conduzida a uma esfera imaginária, um mundo de faz de conta consciente, porém capaz de reproduzir as relações que observa em seu cotidiano, vivenciando simbolicamente diferentes papéis, exercitando sua capacidade de generalizar e abstrair. (MELO; VALLE, 2005, p. 45).

Para o desvendamento da questão apresentada e alcance dos objetivos propostos, o estudo teve como base a pesquisa eminentemente bibliográfica, escolhida devido ao momento atual que estamos vivenciando, caracterizado pela pandemia provocada pelo vírus Covid-19, impossibilitando a perspectiva de realizar a indagação numa escola. Para Gil (2007), pesquisa é definida como:

[...] Procedimento racional e sistemático que tem um objetivo de proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até apresentação e discussão dos resultados. (GIL, 2007, p. 17).

A abordagem foi de cunho qualitativo por ser uma atividade situada que localiza o observador no mundo o que implica estar atento aos sentidos e significados conferidos à análise bibliográfica. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo.

[...] Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa do mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem (DENZIN; LINCOLN, 2006, p.17).

A pesquisa teve o objetivo de solucionar supostos problemas e questionamentos, os quais se tornaram objeto de pesquisa. Para compor a investigação foi realizada análise bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica justifica-se pela necessidade de uma base teórica capaz de apresentar elementos que se aproximam das questões investigadas no trabalho de pesquisa. Ela fundamentou a teoria do trabalho que foi desenvolvido e nos fez compreender a problemática em questão. De acordo com Gil (2002), a pesquisa bibliográfica permite abranger um conjunto de informações do fenômeno estudado, mais do que fosse coletada diretamente do campo, já “[...] a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”. (GIL, 2002, p. 50).

Para embasamento teórico autores como Piaget (1896), Vygotsky (1896), Abramovich (1940), foram algumas das fontes acionadas no sentido de aprofundar o conhecimento sobre as principais categorias elencadas nesta pesquisa a exemplo de ludicidade e a contação de estória na Educação Infantil, desenvolvimento cognitivo, dentre outros.

Na pesquisa documental foi usada como um dos alicerces a BNCC (BRASIL, 2018), tendo como referência o campo de experiência “Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação”, por ser o campo de experiência que mais contempla os conceitos de leitura e contação de histórias em crianças da pré-escola e por compreendê-la como

Sujeito histórico e de direitos, que nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona, e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p.12).

A criança, ao ouvir histórias, sente-se como um personagem que está sempre procurando descobrir e conhecer coisas novas, do mesmo modo como se

estivesse numa fase de procura no ambiente no qual ela vive e, é nesse convívio com os outros personagens e com o seu ambiente que descobre a respeito de si mesma, a respeito do outro e a respeito do mundo conforme vai se desenvolvendo e formando a própria identidade.

2. A CONTAÇÃO DE ESTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A prática de contação de estórias está associada à humanidade desde os princípios. E os homens das cavernas já contavam as ocorrências das suas rotinas, como comprovam as epígrafes rupestres encontradas em cavernas ao redor do mundo. Através das narrativas, os povos conservam a memória; promove o conhecimento; partilha a cultura; desempenha religiosidade e influência; provoca divertimento; explicita suas emoções e evidências de modos de vida. Várias narrativas baseiam-se em costumes populares de muitos povos, até mesmo comunidades ágrafas. Contar uma estória significa mostrar para o público em particular uma narrativa que começa de alguma leitura de mundo.

A contação de história é uma prática muito antiga de grande relevância para a história da humanidade. Documenta-se que, antes mesmo da escrita ser inventada, já havia o costume de utilizar o conto oral como instrumento de transmissão de conhecimento. Através dessa tradição oral muitas sociedades conseguiram preservar a sua cultura, e conseqüentemente, deixaram um rico legado de saberes, crenças e tradições, pois cada geração tinha o dever de contar as histórias para as gerações seguintes. (BUSATTO, 2003, p. 28).

A oralidade é um procedimento antigo de produção cultural, por meio dela mostramos sentimentos, conhecimentos e experiências, conta-se fatos reais e ou imaginados. A humanidade, por meio das estórias, encontrou uma forma significativa para elucidar experiências que nas narrações realistas, não acontecem. Além de fazer parte do campo da educação e das ciências humanas, a contação de estórias, é uma atividade comunicativa. Através dela, as pessoas passam costumes, tradições e valores capazes de incentivar o conhecimento do cidadão. Em razão disso, contar estórias é ser capaz de criar um espaço de emoção, admiração, suspense e encanto, onde a estória e os personagens recebem vida, que transforma não só o ouvinte, mas o narrador também, utilizar todos os sentidos, emocionando o coração e aprimorando a leitura e o percurso de cada um. Por conseguinte,

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p. 4).

A capacidade de imaginar concede que o ser humano gere uma prática de assimilação e discernimento de estórias ficcionais, por isso nossa vida somente é compreendida dentro das narrativas. Assim, as estórias tanto transmitem informações como envolvem nossas emoções, de modo que

Chegaram ao seu coração e à sua mente, na medida exata do seu entendimento, de sua capacidade emocional, porque continham esse elemento que a fascinava, despertava o seu interesse e curiosidade, isto é, o encantamento, o fantástico, o maravilhoso, o faz de conta. (ABRAMOVICH, 1997, p. 37).

No decorrer do tempo, o método de contar estórias conquistou recursos mais adiante da oralidade, por meio do uso de alguns elementos como: palco, figurino, música, dentre outros que favorece a narrativa, cativando o narrador e espectador na vivência sensorial. Nesse sentido “contar história é uma arte [...] que equilibra o que é ouvido e o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declamação ou teatro [...] é o uso simples e harmônico da voz” (ABRAMOVICH, 1997, p. 18). E com os avanços das tecnologias, expandiram-se ainda mais o leque de alternativas. A mesma estória é possível ser contada de diversas maneiras com várias interpretações e recursos audiovisuais. Por outro lado, a demasia de recursos pode desviar a plateia tirando a sua concentração da estória.

Contar estórias é uma técnica muito relevante para estimular a leitura, por meio dela se expande a linguagem e a escrita. Este recurso deixa a criança mais concentrada no progresso de operações mentais que auxiliam na formação dos significados das palavras que são ouvidas, de modo que, agregadas ao enredo da estória, sejam capazes de aumentar o seu vocabulário e favorecer a construção da leitura e da escrita, além de aguçar o senso crítico e, especialmente, levar a criança a sonhar, a imaginar, a representar mentalmente a partir daquilo que ouve.

Para Faria (2010), existem três níveis de leitura. O primeiro vem o tato que é o prazer de pegar nos livros sentindo o papel, explorando as ilustrações e figuras. No segundo vem o emocional junto com a fantasia e a independência no qual essas

emoções apontam o que determina e interessa em nós. E o terceiro e último nível é o racional que está junto a autora e o propósito intelectual do livro.

Então, segundo Faria (2010), a contação de estórias atua na construção e formação da criança em várias áreas, como o auxílio intelectual, estimula o imaginário e a criatividade. As crianças, em suas mentes, vão criando e recriando vários personagens, cenários, universos e um quase sempre final feliz diferente para suas estórias. Nesse processo, elas vão criando e recriando acontecimentos vividos, e cada estória serve para melhor entender o mundo à sua volta. Ouvir estórias é um recurso muito significativo, pois auxilia no trabalho das emoções básicas, como as alegrias, raiva, medo, tristeza entre outras.

Ouvir histórias é viver um momento de gostosura (...) inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca... (ABRAMOVICH, 1991, p. 24).

A contação de estórias possibilita à criança infinitas oportunidades de desenvolver-se, ela estimula a interação, influencia na imaginação e também é a chance que muitas crianças têm de ter proximidade com os livros físicos e também por meio de plataformas digitais.

Ressalta-se que com o progresso, o incremento da globalização e a ampliação dos meios de comunicação, as tecnologias da informação desenvolveram-se a ponto de cada pessoa tornar-se mais individualista e, por vezes, solitária; numa época onde a tecnologia tem sido aberta a todos, a agilidade das informações chega de forma absurdamente rápida a todos os cantos do mundo criando a ilusão de proximidade, porém, contraditoriamente, tendemos a nos isolar cada vez mais. Em decorrência, há muito tempo os livros têm perdido seu lugar de destaque dando lugar a outros meios, sendo substituídos por várias mídias digitais, que muitas vezes não são acessíveis a todos, tornando-se um grande desafio para o educador fazer com que as crianças sejam leitores e que gostem de ouvir estórias.

Alguns profissionais sentem receio de trabalhar com crianças e jovens por conta das emoções. E o papel da contação estória é contribuir de forma significativa no desenvolvimento das crianças por tratar-se de uma atividade importante que passa

por conhecimentos e valores, sendo sua ação decisiva na construção e no desenvolvimento no método de ensino-aprendizagem.

2.1 A Contação de Estórias para o Processo de Ensino-Aprendizagem

A criança tem uma vida cheia de experiências e de aprendizagem que são adquiridas por ela de várias maneiras. Quando ela chega à escola carregando consigo infinitas experiências, conquistas através da exploração visual, auditiva, jogos e brincadeiras, com brinquedos, passeios, contatos, conversas, histórias que influenciam no modo como ela aprende. Assim, antes mesmo de chegar à escola, os benefícios proporcionados pelo estímulo da leitura podem ser notados em todas as fases da criança, como a criatividade, quanto mais proveitosa for a sua imaginação, melhor será a vivência da leitura; o desenvolvimento do cérebro, enquanto o indivíduo lê, realiza uma grande quantidade de sinapses (conexões neurais); aprimoramento da memória e concentração, o estímulo a essas ações cognitivas faz com que a leitura facilite a aquisição de novas linguagens; amplia o vocabulário e os conhecimentos gerais, pois além de ter contato com palavras pouco utilizadas habitualmente, através da leitura, o leitor tem acesso a novas informações sobre lugares do mundo, períodos históricos, diferentes culturas; desenvolve as ideias e as habilidades de escrita, através de interpretação de dados e fatos, organização do pensamento, formulação de sínteses, entre outras.

O ensino por meio do conto de estórias nas séries iniciais de ensino pode ser revestido do componente lúdico quando o professor empresta aos personagens formas e sons capazes de despertar a imaginação da criança, além de ser motivante e incentivador, porém deve-se observar que o alicerce da narração deve ser de certo modo previsível para a criança, bem como de fácil linguagem, com imagens e atenção ao explorá-las de forma lúdica, uma vez que as narrativas irão proporcionar às crianças um melhor entrosamento entre a capacidade de produção e entendimento textual. De acordo com Abramovich (1991), o ato de escutar contos é o começo para o aprendizado de se transformar um leitor. Neste sentido, o professor precisa acrescentar em seu planejamento curricular etapas dedicadas à leitura, ensinando crianças que gostem de ler e escrever, uma formação de leitores e escritores que veem na literatura infantil um meio de entrosamento e diversão.

A contação de estórias além de atividade lúdica, incentiva e contribui no desenvolvimento social, emocional e intelectual da criança. Amarilha (2001), escreve que sua importância na Educação Infantil acontece pelo fato dela propiciar o crescimento da imaginação, e por estar relacionada justamente a práticas recreativas, cognitivas e afetivas, intensificando a criatividade, ensinando hábitos, causando emoções, respeitando sentimentos e a socialização.

Segundo Abramovich (2001), os primeiros preceitos na memória das pessoas são o ver, o sentir, o ouvir. Contar estória é uma vivência da comunicação que cria uma convivência terna entre a pessoa que conta e as que escutam. A relação que se desenvolve a partir dela liga as pessoas envolvidas, essa relação dada com base naquele que conta a estória propicia em primeiro lugar o aumento da nossa aptidão de ouvir o outro ao se concentrar na sua fala, e no timbre da sua voz assim como pelos gestos faciais e na linguagem corporal e do coração.

Contar estórias para as crianças pode ser uma atitude incessante para estimular a imaginação, a qual proporciona bem-estar ao contador e ao ouvinte. Por meio das narrações das estórias a criança é capaz de descobrir o mundo gigantesco de conflitos e resultados possíveis de existir, servindo para apoiar o mundo das crianças e suas perspectivas de resolverem seus conflitos de modo lúdico ao mesmo que aprendem a organizar suas próprias técnicas de aprendizagem sendo capaz de sentir novas e distintas emoções conhecer espaços novos por meio do imaginário, iniciar e construir convicções, conceitos e novos valores.

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de ouvir e de ser, outra ética, outra ótica [...] é ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula... (ABRAMOVICH, 2001, p. 17).

Neste sentido, Bettelheim (1980), complementa que o contador de estórias pode usar a contação de estórias como meio para acalmar e entreter as crianças, porém seu objetivo contempla outros focos, pois este meio, quando bem usado, tem a competência de aumentar a oralidade da criança, a socialização e o aspecto intelectual, como também fazer parte da programação do professor, ampliar um texto ao conteúdo do planejamento. Segundo Máximo-Esteves (1998), no momento em que a criança escuta uma estória, ela viaja através da sua imaginação, entende que o mal e o bem estão presentes, e que existem diversas barreiras que serão ultrapassadas,

aparecendo soluções das decisões que permitiram o acontecimento da vitória. E esses fatores são pontos da vida psíquica da criança, executando o método de entendimento.

Na pré-escola, a contação de estória auxilia de forma significativa para o desempenho da criança, motivando o encanto, o prazer e a imaginação, desde que esta realidade oferece proximidade do real com a imaginação, que são primordiais para a evolução na primeira infância. Ainda que a criança não saiba ler, ela espontaneamente é curiosa, questionadora e esperta, e o convívio direto escutando estórias desenvolve na criança o gosto pela a leitura, pelos livros, potencializando aprendizagens relacionadas à diversão, ludicidade e incentivo à busca por mais conhecimento. De acordo com Coelho (1999):

[...] a criança que ouve histórias com frequência educa sua atenção, desenvolve a linguagem oral e escrita, amplia seu vocabulário e principalmente aprende a procurar nos livros novas histórias para o seu entretenimento. (COELHO,1999, p. 26).

A literatura oral expande o vocabulário e o mundo das representações na mesma dimensão em que desperta a atenção da criança, por isso é uma prática lúdica, pedagógica e interdisciplinar que orienta, desperta os sonhos, expande as oportunidades de ver e entender o mundo, bem como se autoconhecer, formando sua identidade e individualidade de maneira sincera e livre de punições.

Por conseguinte, a metodologia de contar estórias dentro do campo educativo não tem a finalidade apenas de recreação, é uma tarefa rica, preciosa e proveitosa sempre que bem aplicada, colaboram nas aprendizagens múltiplas. Logo, pode ser feita através de uma programação prévia por meio do planejamento pedagógico do professor, com finalidades claras e procedimentos lúcidos, aliados aos planos pedagógicos da escola.

Desde contar uma nova história, propor uma técnica diferente de desenho até situações mais elaboradas, como, por exemplo, o desenvolvimento de um projeto, requer um planejamento cuidadoso com um encadeamento de ações que visam a desenvolver aprendizagens. Estas estruturas didáticas contêm estratégias que são organizadas em função das intenções educativas expressas no projeto educativo, constituindo-se em um instrumento para o planejamento do professor (BRASIL, 1998, p. 54-55).

Para elaboração da aula é importante a escolha da estória e dos materiais de apoio que serão utilizados, como também a arrumação do ambiente deixando-o acolhedor, ventilado e com poucos sons para que não atrapalhe a comunicação com os ouvintes.

A importância da contação de estórias, vai adiante do amadurecimento cognitivo das crianças. Abramovich (1987), chama atenção para as possibilidades da identificação da evolução psicoafetiva de quem está ouvindo, pois, a escuta várias vezes desperta o reconhecimento de afinidades entre ouvintes e personagens. Refere-se a um harmônico momento de diálogo no qual a ficção e vida real se misturam. Portanto, essa harmonia só ocorrerá se o contador expressar emoção e ligação no momento da interpretação, influenciando as crianças e levando-as para o mundo literário manifestado, onde elas conseguem sentir, pensar, se alegrar, se entristecer unindo as personagens. Segundo Abramovich (1987), o contador precisa saber como se faz, pois não se refere a uma mera leitura simples e elaborada de um texto qualquer, mas sim de um texto que possui e ganha vida e por esse motivo não é “lido”, porém “vivido”.

E, levando em conta que um dos objetivos essenciais da ação de contar estórias é estimular as emoções de quem está ouvindo como oportunidade de diferenciar ou vivenciar novas sensações, notamos que elas são estimuladas por meio da entonação vocal, das expressões faciais e posições corporais, de tal modo que é obrigado o contador incrementar novas habilidades.

[...] não se pode fazer isso de qualquer jeito, pegando o primeiro volume que se ver na estante...empacar ao pronunciar o nome dum determinado personagem ou lugar...ir dando pausas nos lugares errados...ou gaguejar ruborizando porque não esperava encontrar um palavrão uma palavra desconhecida... (ABRAMOVICH, 1987, p. 18, 20).

Estas indicações vão colaborar para o ensino do contador cooperando para seu melhor desempenho na hora da contação. Além do mais, é primordial que o professor contador de estórias programe objetivos ao trabalhar com essa metodologia. Com base em Riter (2009), identifica-se os caminhos das quatro etapas de leitura. A motivação é uma atividade que deve desenvolver o entusiasmo e entender a estória, a leitura. A leitura que deve propiciar umas paradas técnicas no correr da estória,

propiciando uma conversa sobre a mesma. A exploração onde traz atividades associadas com o texto elaborando uma interpretação superior do mesmo. A extrapolação são as atividades que evoluem a criatividade e o lúdico de maneira natural. Com início disso aguarda-se que ao narrar uma estória o contador deve representar, atuar, adotar uma conduta especial, oferecendo vida a estórias, tornando-se um recurso, um canal que liga o personagem ao ouvinte. Neste seguimento é necessário pensar no espaço como também no ambiente no qual as estórias são narradas, não se refere construir diferentes cenários, porém que seja acolhedor (mesmo que seja a sala de aula) a fim de que todos sintam-se bem acolhidos e deste modo continuam até a estória finalizar.

Outro elemento importante é a separação dos livros, como já foi mencionado antes, não devemos pegar o primeiro que surge na estante, o contador tem que conhecer ou se apoderar da estória. Neste sentido, Riter (2009), declara que o livro tem que ser apreciado pelo contador e desse modo existirá uma afinidade entre os dois, onde a conclusão será excelente na hora da contação de estória, chamando a atenção da sala. Ele também afirma que geralmente devemos iniciar a estória com o método clássico, a popular frase “Era uma vez” ou “Há muitos e muitos anos”, e para finalizá-la: “E entrou por uma porta e saiu pela outra, quem quiser que conte outra”.

Percebe-se que atuações ou formas de começar e finalizar uma estória, o que uma prática estratégica e bem planejada é capaz de fazer na hora da contação, uma ocasião mágica para as crianças e cujos resultado colaboram para um ensinamento leitor e social, como diz Brandão e Rosa (2010), as crianças vão de telespectadores ativos para leitores ativos, isso torna-se apropriação do “jeito de ler” assimilado nas rodas de estórias. Movimento que só poderá ocorrer conforme a qualidade dos livros definidos, além dessa maneira de intermédio por meio do contador que precisa sempre planejar sua prática, ou melhor, não tem que ou contar estórias só como passa tempo, porém deve ter planejamentos a serem alcançados pelas crianças como consequência da contação de estórias.

Convém destacar que, o contador de estórias sabe até narrar para transferir determinadas aprendizagens conceituais, porém é fundamental ter bastante cuidado para não acabar com o encantamento da estória que tem muitas questões interpretativas. A criança que escuta uma estória bem narrada assimila riquezas evidentes na narrativa de forma natural e os mostra em suas colocações. Portanto,

Há quem conte histórias para enfatizar mensagens, transmitir conhecimentos, disciplinar, até fazer uma espécie de chantagem - “se ficarem quietos, conto uma história”, “se isso”, “se aquilo...” – quando o inverso é que funciona. A história aquieta, prende a atenção, informa, socializa, educa. Quanto menor a preocupação em alcançar tais objetivos explicitamente, maior será a influência do contador de histórias. O compromisso do narrador é com a história, enquanto fonte de satisfação de necessidades básicas das crianças. Se elas as escutam desde pequeninas, provavelmente gostarão de livros, vindo a descobrir neles histórias como aquelas que lhes eram contadas. (COELHO,2001, p, 12).

Por meio das comunicações, das normas cotidianas que experimenta e das convivências que a criança estabelece com o outro ela compõe a sua identidade. Vale destacar que, a identidade individual ou coletiva de um sujeito se estabelece no decorrer da vida, porém é na infância que se constituem as bases definitivas desse processo. É nesse tempo que a criança gradativamente vai formando o entendimento de si e a contação de histórias possui um papel de relevância nesse processo. Ao ressaltar sobre o valor do preparo do leitor Abramovich declara que:

Ao ler uma história, a criança também desenvolve todo o um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... pode se sentir inquieta, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião [...]. (ABRAMOVICH, 2001, p. 143).

Convivemos em uma sociedade da informação na qual as crianças, são atraídas, de maneira exagerada, pelas novas tecnologias que podem ser por meio de tecnologias audiovisuais e interativas para colaborar na realização de leitura, o que consiste em um estímulo para o professor se aperfeiçoar nessa metodologia. Por isso essa visão, se faz preciso rever os costumes nas instituições escolares referente à formação de leitores. Enquanto estas não entenderem que toda criança tem a sua particularidade, que estamos em ambientes culturais em definitiva transformação e a criança colabora ativamente desta transformação raramente serão os avanços em relação à formação do leitor como elemento crítico e criativo. Conforme Craidy (2001):

[...] a criança nos desafia porque ela tem uma lógica que é toda sua, porque ela encontra maneiras peculiares e muito originais de se expressar, porque ela é capaz através do brincar, do sonho e da fantasia de viver num mundo que é apenas seu. Outro desafio que a criança nos faz enfrentar é o de perceber o quanto são diferentes e que esta diferença não deve ser desprezada nem levar-nos a tratá-las como desiguais. (CRAIDY, 2001, p.21).

A contação de histórias motiva consideravelmente na formação da identidade da criança como indivíduo. Desse modo, é importante que a criança desde nova aprenda a enfrentar as distintas emoções e conflitos que vivemos. Em relação a ampla engrenagem que o ato de ler histórias para crianças implica, Abramovich (1997) anuncia que:

É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso de conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – dum jeito ou de outro – através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo)... É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança)... e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas [...]. (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

Ouvindo histórias a criança consegue ver com os olhos da imaginação, é deparar com outras formas de ser e de agir perante determinadas situações cotidianas. Qualquer narrativa traz problemáticas que as crianças já vivenciaram tendo como exemplo, a solidão, o medo, separação e etc. Para Abramovich (1997):

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve. (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

Segundo a citação acima, por meio da contação de histórias pode-se sentir diferentes emoções. O professor consegue trabalhar cada uma delas através de uma conversa informal que é possível ser planejada antes ou/e depois da contação que vai facilitar que o próprio conheça as crianças melhor, além de proporcionar que as mesmas se expressem oralmente.

Dentre as inúmeras categorias de estórias infantis, os contos de fadas aparecem no universo infantil mostrando assuntos significativos às adversidades e problemas encarados no dia a dia pela criança. Estes contos apresentam contextos que, várias vezes, a criança não sabe manifestar. Bettelheim (2002) afirma:

Na verdade, em um nível manifesto, os contos de fadas ensinam pouco sobre as condições específicas da vida na moderna sociedade de massa; estes contos foram inventados muito antes que ela existisse. Mas através deles, pode-se aprender mais sobre os 25 problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedade, do que com qualquer outro tipo de estória dentro de uma compreensão infantil. (BETTELHEIM, 2002, p. 13).

Deveras, os contos de fadas vão mais além do passatempo, pois melhoram as experiências infantis, provocam a imaginação, e contribuem para a criança ampliar seu intelecto. Deste modo, abrangem as próprias emoções e necessidades, levando-a a identificar que há solução para seus problemas. Uma grande diversidade de assuntos deve ser discutida exatamente por meio da contação de estórias clássicas exemplificando, a presença do mal. O mal é um caráter notável dos contos de fadas, pois se existe o mal, logo existirá o bem, no qual a criança irá se identificar com o herói ou heroína, de forma inconsciente, atendendo suas próprias circunstâncias, desafiando seus medos, e conseguindo um equilíbrio futuro. Bettelheim (2002), defende a presença do mal contido nas histórias infantis, e alerta para o fato de que as histórias modernas omitem o mal, exaltando apenas as virtudes.

Em praticamente todo conto de fadas, o bem e o mal recebem corpo na forma de algumas figuras e de suas ações, já que bem e mal são onipresentes na vida e as propensões para ambos estão presentes em todo homem. É esta dualidade que coloca o problema moral e requisita a luta para resolvê-lo. O mal não é isento de atrações - simbolizado pelo poderoso gigante ou dragão, o poder da bruxa, a astuta rainha na “Branca de Neve” – e com frequência se encontra temporariamente vitorioso. [...] A cultura dominante deseja fingir, particularmente no que se refere às crianças, que o lado escuro do homem não existe, e professa a crença num aprimoramento otimista. (BETTELHEIM, 2002, p.7).

O autor crê que não é o caso de o malfeitor ser castigado ao final da estória, que irá fazer a mesma ter caráter moral, isto é somente um acréscimo limitado, mas sim a afeição pelas lutas e aventuras que o herói ou heroína viveram, que mais adiante

levará a criança a se reconhecer com os mesmos, ainda saem vitoriosos ao final. Esse reconhecimento acontece automaticamente na criança por conta própria. É clichê e específico os contos de fadas mostrarem problemas existenciais terminantemente, levando a criança a identificá-los de forma própria e simplificada, facilitando a ela entender as entrelinhas sem esclarecimentos ou intervenções adultas.

Os contos de fadas também falam de amor, de infinitas maneiras de amar, algumas com finais felizes, outras tristes, como em “O Soldadinho de Chumbo”, de Andersen, que ao narrar todas as aventuras vividas pelo pequeno soldadinho, encerra restando apenas um coração de chumbo e a lanterna de sua amada bailarina. Para Abramovich, esta história faz brotar fortes sensações:

Meio que faz queimar também o coração do leitor sentir que a morte do amado pode levar ao suicídio a amada e que, dessa relação de encantamento mútuo, feita através de olhares, fica um símbolo forte e indestrutível: a marca do sentimento [...]. (ABRAMOVICH, 1991, p.126).

Há também os contos que falam do crescer, da transição infância/adolescência e de toda a curiosidade que surge em conhecer o mundo, e conhecer a si mesmo. Personagens como Peter Pan e o Pequeno Polegar são alguns dos exemplos excelentes, que tratam do assunto com sabedoria e magia. O primeiro reflete muitos desejos infantis: a valentia de Peter em lutar, sua sorte em voar, sua responsabilidade em cuidar dos outros meninos perdidos, o segundo, narrando as aventuras de um pequeno, que saiu pelo mundo afora vivendo muitas aventuras, mas no fundo querendo conhecer mais a si mesmo.

2.2 A contação de Estórias e a Prática Lúdica Mediada pelo Professor

O professor que usa do mecanismo da contação de estória ele mesmo consegue transformar esta técnica prazerosa atraindo a criatividade e a imaginação. Além de deixar estabelecer ligações entre o mundo imaginário e acontecimentos vivenciados pela criança. Assim,

A vida é com frequência desconcertante para a criança, ela necessita mais ainda que lhe seja dada a oportunidade de entender a si própria nesse mundo complexo com o qual deve aprender a lidar. Para que possa fazê-lo, precisa que a ajudem a dar um sentido coerente ao seu turbilhão de sentimentos. Necessita de ideias sobre como colocar ordem na sua casa interior, e com base nisso poder criar ordem na sua vida. (BETTELHEIM, 2009, p. 13).

Por isso, ao decidir contar uma estória o professor tem que estar animado a elaborar e entrar no enredo, ele mesmo deve ter a independência de aventurar-se na imaginação e possuir um controle de conhecimento do que está sendo trabalhado. Para esse fim é preciso melhorar algumas capacidades como: rapidez na contação, tom adequado, expressão, facial e corporal, como também o controle de sua ação. Aliás, o professor pode encantar o aluno na estória que está sendo narrada, possibilitando que ele mesmo interaja e participe da mesma. Portanto, o professor precisa estar inteirado da estória que vai contar e qual tipo de espectador o ouvirá, porque conforme o espectador o mesmo usará de diversas maneiras e métodos para narrar a estória tendo em vista o espectador infantil a escolha da metodologia que vai ser utilizada difere do cenário infanto-juvenil, quando deverá lançar mão de outra abordagem.

Para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes... Se capta o ritmo, a cadência do conto, fluindo como uma canção... Ou se brinca com a melodia dos versos, com o acerto das rimas, com o jogo das palavras... Contar histórias é uma arte... e tão linda!!! É ela que equilibra o que é ouvido com o que é sentido, e por isso não é nem remotamente declaração ou teatro... Ela é o uso simples e harmônico da voz. (ABRAMOVICH, 1989, p.18).

Para que a narração seja envolvente se faz indispensável a correlação com a estória e usar-se de informações como rapidez, suspense e criatividade. A estória é capaz de levar a criança ao mundo de ilusão, de sonhos e imaginação, no qual tudo torna-se provável. O professor mediador tem que apresentar a relevância deste mundo imaginário, como também apresentar o verdadeiro sentido da estória levando para a vivência que a criança está inserida. Ele mesmo é capaz de fazer uma relação com a estória que está sendo narrada e a sua realidade, partindo desse propósito, compete ao mesmo fazer uma observação mostrando fases positivas e negativas do que foi representado para a concepção do entendimento e o próprio método.

Entende-se como é fundamental para o progresso da criança que o professor use de suas ferramentas para conseguir uma verdadeira concepção do que está sendo oferecido e assim assegurar um aprendizado significativo. Compete ao educador preparar e estimular o interesse, ludicidade, entusiasmo e questionamento com as crianças a fim de obter excelentes conclusões voltadas para o processo de ensino capazes de gerar aprendizagens.

Logo, por meio da contação da estória somos capazes de acrescentar o horizonte da criança por meio da simbologia, dos processos aplicados. A criança amplia os seus pensamentos a respeito de diversas ocorrências do seu cotidiano. Neste sentido, o contador de estórias pode se planejar de uma maneira que use recursos: visuais como imagens, figuras, livros, fantoches, também cenários, tapete de história, avental e outras coisas mais deixando esses momentos muito mais lúdicos, engraçados e dinâmicos. Através dessas práticas lúdicas ele é capaz de estimular o prazer e o interesse pela leitura, sem medo de utilizar sua criatividade para alcançar um resultado satisfatório.

É muito importante que as estórias possuam uma fala clara e simples de acordo com a idade de cada turma, ensinando e incentivando a prática das crianças ler desde pequenos, e assim colaborar para o desenvolvimento e aprendizagem. Isto porque, de acordo com Abramovich (1989), a relevância de se contar estória para as crianças consiste no fato de que escutá-las é o começo da aprendizagem para ela tornar-se um leitor, e também estimular o imaginário, e ter a curiosidade respondida relacionadas a perguntas e achar diversas ideias para resolver as questões.

A contação de estória oferece um mundo de sonhos, sentimentos, expectativa e afetividade. Ela não trabalha somente a emoção, mas trabalha também com a socialização e atenção, assim sendo uma maneira de dialogar com o outro e o mundo, é o modo de ensinar e aprender a colaborar com a sociedade mais estimulada.

Chegaram ao seu coração e à sua mente, na medida exata do seu entendimento, de sua capacidade emocional, porque continha esse elemento que a fascinava, despertava o seu interesse e curiosidade, isto é, o encantamento, o fantástico, o maravilhoso, o faz de conta. (ABRAMOVICH, 1997, p. 37).

Por esse motivo é importante trabalhar com a ludicidade pois se faz necessária propiciar uma aula estimulane e com isto atrair a criança por completo, para mais, compete ao professor ensinar e revelar para a criança o gosto de aprender.

Ser um professor lúdico é utilizar de diversas atividades por meio da contação de estória, músicas, jogos e usar tudo que for chamativo e interessante para a criança, desse modo aprender sendo capaz de fixar o conhecimento. A ludicidade gera esse encantamento e transforma a aprendizagem mais acessível e interativa, ajudando a criança a enxergar como é simples aprender por meio das estórias.

A inovação do professor faz toda a mudança na sala de aula no momento da estória, e também na vida das crianças. Essa ação não está ligada só ao aprender, mas compreende outros pontos como aumentar o vocabulário e a leitura de mundo, e também criar o desejo por outras leituras. Diante deste contexto, Rodrigues (2005), afirma que:

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (RODRIGUES, 2005, p.4).

Além de se cativar plenamente com a narração que está sendo contada, tem que vivê-la e senti-la tirando para si a interpretação, sendo assim conseguirá passar o real sentido da estória através das emoções que as superam. Coelho (2002), assegura que:

A história alimenta a imaginação da criança; há quem conte histórias para enfatizar mensagens, transmitir conhecimento, disciplinar até fazer uma espécie de chantagem “se ficarem quietos, conto uma história”; “se isso”, “se aquilo” quando é o inverso que funciona. A história aquietada serena, prende atenção, informa socializa e educa. O compromisso do narrador é com a história, enquanto fonte de sofisticação de necessidades básicas das crianças. Se elas escutarem desde pequeninas, gostarão de livros vindo descobrir neles histórias como aquelas que lhes eram contadas (COELHO, 2002, p. 12).

Por esse motivo a relevância de se contar estórias e ler para a criança, ela mesma receberá isso como um costume agradável que poderá ser levado para sua vida adulta: o prazer pela leitura. Ao contar uma estória a criança viaja ao mundo da imaginação, despertando o olhar da criança para muitos outros ângulos da sua rotina e preparando-o para enfrentar seus medos, decepções e autocontrole emocional para resolver vários problemas cotidianos. O contar estória para uma criança promove a

imaginação do mundo intelectual e afetivo permanecendo presente em todas as etapas da vida.

Sendo assim, estimula a criança a ler, brincar, desenhar e a melhorar a escrita transformando-se uma realidade de fácil domínio e deste modo auxiliar no progresso da aprendizagem, pois ao ser mais estimulada por meio de práticas lúdicas, que é um recurso para auxiliar a técnica do professor na sala de aula, revela à criança um mundo de explorações e novos sentimentos de ideias e conhecimentos, ofertando uma sensação de participar desse mundo imaginário, inovador no qual tudo é possível. Vai além das perspectivas da imaginação da criança, deixando ela ser o que quiser, dentro da estória dando asas a sua fantasia e encanto pelo lúdico. Para Busatto (2008): [...] contar histórias é uma atitude multidimensional. Ao contar histórias atingimos não apenas o plano prático, mas também o nível do pensamento e, sob tudo, as dimensões do mítico-simbólico e do mistério. (BUSATTO, 2008, p. 45).

Desse modo, a contação de estória vai muito além do narrar apenas por narrar, porém atrai todos os sentimentos, a imaginação, a comunicação é uma relação com o narrador dando asas à fantasia da criança. Com base nisto compreende-se a importância de o professor mediador oferecer várias oportunidades de a criança ampliar sua imaginação. O professor necessita tornar-se um leitor ativo e servir como modelo e assim encorajar o aluno não apenas a leitura, mas também a prática de contar estória. Para tal, o mesmo utilizará de recursos para prender a concentração voltada apenas para ele, guiando assim o aluno a ser mais comunicativo na atividade e futuramente ter um aprendizado melhor.

Vemos, portanto, que a contação de histórias é um momento mágico em que leva tanto o narrador como o ouvinte para um mundo completamente mágico e possível onde se entrelaçam emoções conflitos sentimentos, dentre outros elementos importantes na constituição do sujeito. (BRANDÃO, 2015, p. 99).

De acordo com essa visão, compreende-se que a contação de estória é de grande necessidade para a criação do ser humano, visto que ela colabora significativamente para a construção da imaginação. É por meio dela que se possibilita ocasiões de prazer de comunicação e de socialização com as crianças colocadas no ambiente da aprendizagem do seu dia a dia.

Uma vez que a prática de contação de estória torna-se necessária, a produção de atividades de contínuo movimentos é necessária para se ter uma boa comunicação por meio da fala, mas não é suficiente apenas divulgar oralmente, é preciso tanto a utilização de movimentos corporais, quanto faciais, pretendendo aprimorar seus fundamentos e capacidades além de admirar os acontecimentos maravilhosos com seus alunos, seja de sorrisos e até mesmo de convívio trazendo uma sensação de alegria para ambos, abrangendo uma dimensão que terá como privilégios para quem está ali atraídos e conquistando muitos objetivos.

Ao fazer a ligação entre a ludicidade e a contação de histórias o docente consegue alcançar o equilíbrio necessário para que ocorra o desenvolvimento cognitivo e social, que fará com que a criança tenha uma aprendizagem significativa. Quanto mais cedo a criança participa de processos que estimulem a leitura, mais rápido ela tende a se tornar um indivíduo capaz de desenvolver habilidades que possibilitem um crescimento cognitivo significativo. Isto porque,

Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social. (BRASIL, 2018, p. 42).

Para tornar as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças mais eficazes, é importante a prática do diálogo e o compartilhamento das obrigações entre a instituição de Educação infantil e a família são fundamentais. Com o estímulo oferecido pelas diretrizes da BNCC para a Educação Infantil, a contação de estória tende a ser usada de modo cada vez mais frequente no cotidiano da escola no qual o professor contador faz-se presente e mesmo aquele que não é contador pode aventurar-se na iniciação desta prática e desse modo deixar a aula mais estimulante e divertida.

3. A CONTAÇÃO DE ESTÓRIAS SOB O OLHAR DA BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é um documento legal e obrigatório que determina o conjunto fundamental e progressivo de aprendizagens que são fundamentais que devem ser trabalhadas nas escolas brasileiras públicas e particulares de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio de maneira a garantir o direito à aprendizagem e o desenvolvimento integral dos estudantes. Portanto, é um documento relevante para ofertar igualdade no sistema educacional, contribuindo para a formação integral e para a criação de uma comunidade que seja mais justa, democrática e inclusiva. Seu objetivo é nortear os currículos dos estados e municípios de todo o Brasil; ao começar destas perspectivas, a BNCC põe em curso o que está presumido no artigo nove da Lei de Diretrizes para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, que guiarão os currículos e suas apresentações mínimas, de forma a garantir formação básica comum. Assim, é de responsabilidade das escolas assegurar aos alunos acesso ao desenvolvimento das competências gerais determinadas pela BNCC. (BRASIL, 2018).

Na Educação Infantil a BNCC traz uma sequência de competências que as crianças têm que assimilar na vida escolar. Também, é uma maneira de padronizar as atividades praticadas pelos colégios para crescimento intelectual dos alunos. Desse modo, o contexto educacional nacional torna-se mais justo e democrático para todas as crianças.

As crianças têm o direito de brincar e esse direito é apresentado na BNCC como um dos direitos da criança à cidadania, à cultura, à arte, ao esporte e ao lazer; porém sabemos que hoje, muitas crianças encontram-se carentes desse direito e privadas da própria infância. A maioria das crianças não brinca mais como antigamente, pois atualmente as crianças preferem brincar utilizando as novas tecnologias (celular, *tablets*, computadores), ficando propícias ao sedentarismo. A criança não pode ser privada dos momentos de brincadeiras no seu cotidiano, pois ela procura brincar por necessidade, por meio da brincadeira a criança mostra que o seu eu, está em desenvolvimento. Sendo assim ela mesma saberá gerenciar seu tempo, seu espaço, escolher seus brinquedos e suas companhias na hora da brincadeira livre. Esse momento é exclusivo para ela e é fundamental no seu desenvolvimento.

A BNCC inova ao afirmar que as crianças têm seis Direitos de Aprendizagem que foram desenvolvidos a partir de valores éticos, políticos e estéticos, cabendo à escola desenvolver os direitos de todas as crianças que fazem parte da Educação Infantil. Portanto, os professores destas classes de ensino têm que nortear sua prática pedagógica pelos seis Direitos de Aprendizagem como orientadores de planejamento curricular a partir da forma de organizar as crianças, a convivência entre elas, adultos e espaços, os cuidados pessoais e administração do tempo, até às intencionalidades reveladas nas propostas de aprendizagens que surgirem no planejamento.

Segundo a BNCC, os seis Direitos de Aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil são:

Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.

Participar ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.

Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.

Expressar-se, como sujeito dialógico, criativo e sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões, questionamentos, por meio de diferentes linguagens.

Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário. (BRASIL, 2018, p.38).

Estes seis direitos de aprendizagem na Educação Infantil asseguram que a criança tenha possibilidades de desempenhar na sua vida cotidiana um dever de

cidadania e ser capaz de resolver os desafios que aparecerem na vida e cabe à escola garantir o exercício destes direitos.

Em sua organização a BNCC estabelece, para a Educação Infantil, a divisão em dois períodos etários: Creches, que abrange os bebês (0 a 1 ano e 6 meses) e as crianças bem pequenas (01 ano e 07 meses a 03 anos e 11 meses) e em Pré -Escola (04 anos a 05 anos e 11 meses), estipulando cinco Campos de Experiências que determinam os objetivos e as habilidades que os alunos devem ser estimulados a desenvolver, são eles: O Eu, o Outro e o Nós; Corpo, Gestos e Movimentos; Espaço, Tempo, Quantidades, Relações e Transformações; Traços, Sons, Cores e Formas; Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação (BRASIL, 2018).

Reitera-se que, para o desenvolvimento desta pesquisa escolheu-se como Campo de Experiência “Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação”, por ser o campo que mais compreende o objetivo geral do estudo.

[...] O contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em escritas espontâneas, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua. (BRASIL, 2018, p. 42).

De acordo com a BNCC, no Campo de Experiência “Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação”, os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para os alunos da pré-escola são:

(EI03EF01) Expressar ideias, desejos e sentimentos sobre suas vivências, por meio da linguagem oral e escrita (escrita espontânea), de fotos, desenhos e outras formas de expressão.

(EI03EF02) Inventar brincadeiras cantadas, poemas e canções, criando rimas, aliterações e ritmos.

(EI03EF03) Escolher e folhear livros, procurando orientar-se por temas e ilustrações e tentando identificar palavras conhecidas.

(EI03EF04) Recontar histórias ouvidas e planejar coletivamente roteiros de vídeos e de encenações, definindo os contextos, os personagens, a estrutura da história.

(EI03EF05) Recontar histórias ouvidas para produção de relato escrito, tendo o professor como escriba.

(EI03EF06) Produzir suas próprias histórias orais e escritas (escrita espontânea), em situações com função social significativa.

(EI03EF07) Levantar hipóteses sobre gêneros textuais veiculados em portadores conhecidos, recorrendo a estratégias de observação gráfica e/ou de leitura.

(EI03EF08) Selecionar livros e textos de gêneros conhecidos para a leitura de um adulto e/ou para sua própria leitura (partindo de seu repertório sobre esses textos, como a recuperação pela memória, pela leitura das ilustrações etc.).

(EI03EF09) Levantar hipóteses em relação à linguagem escrita, realizando registros de palavras e textos, por meio de escrita espontânea. (BRASIL, 2018, p. 49-50).

Os objetivos de aprendizagens são os conceitos fundamentais para educação infantil por abordar comportamentos, habilidades, conhecimentos e vivências. E esses objetivos estão completamente ligados à contação de estória, já que ela estimula todas essas características que foram citadas acima; visando o estímulo a leitura e por meio dela a criança adquire ainda mais conhecimento, e estimula a interação. A BNCC destaca esses objetivos gerais de aprendizagem e o docente trabalha de modo planejado para que eles sejam atendidos. Assim, a contação de estórias é uma excelente atividade mental para atingir esses objetivos, pois os saberes e conhecimentos traduzem os conteúdos a serem assimilados.

Defende-se aqui que os Direitos de Aprendizagem das crianças podem ser contemplados por meio da contação de estória, por tratar-se de uma tradição milenar que ajudou a sociedade a conhecer parte de sua história pessoal por meio da oralidade e com isso as estórias vêm sendo contadas por várias gerações até os dias atuais, contribuindo para a composição da identidade local e nacional. Com o progresso, o incremento da globalização e a ampliação dos meios de comunicação, as tecnologias da informação desenvolveram-se a ponto de cada pessoa tornar-se mais individualista e, por vezes, solitária, numa época onde a tecnologia tem sido aberta a todos, a agilidade das informações chega de forma absurdamente rápida a todos os cantos do mundo criando a ilusão de proximidade, porém, contraditoriamente, tendemos a nos isolar cada vez mais, assim, contar estórias tem o potencial de encurtar essas distâncias ao construir mundos e ações imaginárias que nos conectam e nos associam à realidade em curso.

3.1 Contribuições da Ludicidade no Processo de Aprendizagem

O lúdico na Educação Infantil é essencial e de muita relevância, porque possibilita uma aprendizagem participativa e prazerosa, e por meio do mesmo a criança adquire conhecimento brincando. Quando ele é vivido, aprecia a linguagem espontânea da criança está em movimentação constante da imaginação. O lúdico é recurso pedagógico que possibilita ensinar por meio de brincadeiras, sem exigências formais, transformando a aprendizagem em algo não só prazeroso, mas também significativo e de qualidade. Tanto os jogos como as brincadeiras possibilitam às crianças na educação infantil um amadurecimento físico, mental e intelectual.

O lúdico tem sua origem na palavra latina "*ludus*" que quer dizer "jogo". Se achasse confinado a sua origem, o termo lúdico estaria se referindo apenas ao jogar, ao brincar, ao movimento espontâneo. O lúdico passou a ser reconhecido como traço essencial de psicofisiologia do comportamento humano. De modo que a definição deixou de ser o simples sinônimo de jogo. As implicações da necessidade lúdica extrapolaram as demarcações do brincar espontâneo (FERREIRA; SILVA RESCHKE [s/d], p.3).

Sabidamente, na fase da pré-escola é extraordinário o uso dessa prática educacional, pois, é um período no qual as crianças têm a necessidade de brincar como meio de interagir e comunicar-se com o mundo ao seu redor. Na pré-escola a criança já tem de quatro a cinco anos e é nesta faixa etária que o professor deve aproveitar-se da estratégia metodológica de ensino baseada na ludicidade, já que é o momento favorável e a criança tem mais facilidade em aprender. Portanto, a contribuição da escola no aprofundamento e recuperação das práticas lúdicas é relevante de maneira a que os professores possam desenvolver atividades e/ou projetos que explorem as brincadeiras proporcionando o processo de ensino de aprendizagens da criança mais satisfatório. Há um valor amplo no lúdico, uma vez que

O lúdico é importante no acolhimento da diversidade cultural, pois desperta a vontade de aprender sobre e compreender o outro, mas também é mais um elemento que modifica a história contada, ela se apropria do conteúdo, faz relações com as suas vivências e imprime a sua própria marca. (BRAGA, GONÇALVES e SOARES, 2014, p.7).

O desenvolvimento e o brincar nas teorias de Piaget (1896), Vygotsky (1896) e Wallon (1879), têm sido bastante consideradas nos debates acadêmicos sobre o desenvolvimento infantil. O interesse de investigação bibliográfica a partir destes teóricos decorre do fato deles terem se debruçado sobre como as crianças relacionam-se com o mundo e como esse processo acontece no desenvolvimento da criança.

Para Vygotsky (1991), a criança nasce unicamente com funções psicológicas essenciais a começar pelo conhecimento cultural, estas funções convertem-se em funções psicológicas superiores. Esse processo é mediatizado pelas pessoas que compartilham vivências com as crianças e é esse intermédio que dá ao conhecimento um sentido social e histórico. Este autor identificou em seus estudos três etapas importantes da aprendizagem da criança: o nível de desenvolvimento potencial que é tudo aquilo que a criança ainda não domina, mas espera-se que ela tenha capacidade de produzir; o nível de desenvolvimento real, onde a criança tem a capacidade de produzir tudo sozinha. Depois dos dois níveis de desenvolvimento, real e potencial Vygotsky explica a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), dizendo que:

Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes. (VYGOTSKY, 1991, p. 97).

Desse modo, Vygotsky (1991), sugere que a instrução escolar pode ser voltada para a Zona de Desenvolvimento Proximal, visto que é na interação social que vem ocorrer a adaptação do conhecimento historicamente estimulando, deixando em andamento toda uma série de processos em crescimento.

Ainda de acordo com Vygotsky (1990), um dos princípios das aprendizagens é a imaginação, pois quando a criança brinca ela cria uma situação imaginária, com suas próprias regras, e não uma simples lembrança do que viveu. A criança quando brinca aprende os princípios de bem e mal nas suas práticas; quando a criança não brinca, ela não conquista essa habilidade de aprender a solucionar conflitos.

Para Vygotsky (1990), quando uma criança brinca, ela acredita em uma situação imaginária e complexa, uma regra, claramente associada ao que está sendo

reproduzido. Desse modo, quando a criança brinca de ser mãe, age de modo próximo ao mundo real, ela brinca representando a mãe.

Ainda, sobre a criança na etapa da infância, de acordo com Wallon (2007):

A criança repete nas brincadeiras as impressões que acabaram de viver, reproduz, imita. Para as menores, a imitação é a regra das brincadeiras, a única acessível a eles enquanto não puderem ir além do modelo concreto, vivo para ter acesso à instrução abstrata. Pois inicialmente, na sua compreensão é apenas uma assimilação do outro a si e de si ao outro. [...] (WALLON, 2007, p.67).

Defende-se que a criança não pode ser privada dos momentos de brincadeiras no seu cotidiano, pois este é um processo favorecedor da construção de sua identidade no decorrer de sua vida na infância, além de ser esse momento exclusivo para ela, fundamental no seu desenvolvimento.

De modo que, para Vygotsky (1990) e Wallon (2007), a brincadeira é considerada como uma situação priorizada de aprendizagem enquanto oferece uma estrutura básica para mudanças de atitudes, conceitos e de consciência. E, à medida que imita as coisas que o outro faz, mesmo sem ter nitidez do que significa a ação, ela deixa de agir por imitação passando a fazer conscientemente, cria novas oportunidades, novas influências, novas aprendizagens transformando sua realidade.

Sobre o desenvolvimento infantil, Piaget (1982), debruçou-se sobre os estágios de desenvolvimento da criança, de modo a afirmar que o desenvolvimento cognitivo está relacionado a um conjunto de habilidades cerebrais/mentais que são indispensáveis para alcançar o conhecimento sobre o mundo. Os estágios de desenvolvimento cognitivos nos permitem compreender que todos os indivíduos passam por várias mudanças previsíveis percorrendo todos os estágios na mesma sequência, entretanto, o início e o fim dos estágios alteram de acordo com o indivíduo, pois cada um tem suas próprias especificações de estrutura biológica ou ambiental. Cada estágio é desenvolvido por meio do que foi construído anteriormente. Portanto, a ordem ou sequência das etapas é sempre a mesma, havendo alterações somente no ritmo de cada uma ao adquirir novas habilidades. Por conseguinte,

A inteligência não aparece, de modo algum, num dado momento do desenvolvimento mental, como um mecanismo completamente montado e radicalmente diferente dos que o perceberam. Apresenta pelo contrário, uma continuidade admirável com os processos adquiridos o mesmo inato respeito a associação habitual e ao reflexo, processos sobre os quais elas se baseiam, ao mesmo tempo em que os utiliza. (PIAGET, 1986, p. 23).

De acordo com Piaget (1982), o desenvolvimento da criança está dividido em quatro estágios, onde ele chama de fases de transição. As fases de transição são: o sensório-motor (0 a 2 anos), o pré-operatório (2 a 7 anos), o das operações concretas (7 a 11 anos) e os estágios das operações formais (a partir dos 11 ou 12 anos).

A fase na qual a criança não fica parada, mexe em tudo, descobre e é muito observadora, que é no estágio sensório- motor (0 a 2 anos), ela ainda não representa os objetos mentalmente, mas tem uma relação direta com eles, a inteligência é prática.

Durante a pré-escola, período escolar objeto desta pesquisa Piaget (1982), descreve que a criança encontra-se no estágio pré-operatório (2 a 7 anos), no qual a criança substitui um objeto ou acontecimento representando-o. Neste estágio ela é centrada nela mesma, é egocêntrica e não consegue se colocar no lugar do outro, nessa fase não aceita muito as explicações e pergunta o porquê das coisas, desenvolve a imitação e linguagem, e também a descoberta do símbolo e a fala, esse estágio é conhecido como aquele no qual a inteligência simbólica se manifesta.

Quando a criança já possui uma organização mental integrada é a operação concreta (7 a 12 anos), nesse estágio a criança tem noções de tempo, espaço e pensa de maneira mais racional resolvendo problemas concretos. Quando a representação possibilita o raciocínio total, são as operações formais (11 a 12 anos), ela adquire a capacidade de criticar e discutir em relação a valores morais, sociais passando a construir seus próprios conceitos e ideias. De acordo com Piaget:

Quando interrogamos crianças de diferentes idades sobre os principais fenômenos que as interessam e, espontaneamente, obtemos respostas bem diferentes segundo o nível de sujeitos interrogados. Nos pequenos encontramos os sons cuja importância diminui consideravelmente com idade: as coisas são dotadas de vida e de intencionalidade, são capazes de movimentos próprios e esses movimentos destinam-se, ao mesmo tempo, a assegurar harmonia do mundo e servir ao homem. Nos grandes, não encontramos nada mais que representações da ordem da causalidade adulta, salvo alguns traços dos estágios anteriores. (PIAGET, 1982, p.173-174).

Para criar bases que sejam suficientes e sólidas na sua atividade criativa, deve-se considerar a necessidade do alargamento da experiência da criança. Quanto mais a criança vê, ouve e experimenta, ela mais sabe e assimila. E quanto mais ela tem ferramentas da realidade a sua disposição para sua experiência, mais importante e produtiva em situações semelhantes, sua atividade imaginativa será muito maior.

A preocupação da educação hoje em dia, em termos documentais, é com a formação de um indivíduo crítico, que seja responsável e atuante na sociedade, começa no ensino infantil e os primeiros hábitos vão surgindo e as crianças vão interagindo socialmente levando ao desenvolvimento de sua aprendizagem. Por conseguinte, as ideias dos teóricos aqui citados são fundamentais ao entendimento das fases de desenvolvimento da criança quando relacionadas às contribuições da contação de histórias e a garantia dos direitos das crianças.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos realizados para o desenvolvimento do presente trabalho de pesquisa buscaram fazer uma reflexão sobre a relevância da ludicidade como recurso de aprendizagem na contação de estórias aos alunos da pré-escola. Analisou-se as contribuições das práticas lúdicas no processo de aprendizagem dos alunos da pré-escola por meio da contação de estórias, constituindo-se como um instrumento de ensino presente em sala de aula capaz de alargar nas crianças sentimentos diversos e estimulando a imaginação e a criatividade.

Assim, utilizando referenciais de vários teóricos, compreendeu-se a contação de estórias como um momento prazeroso no qual permeia mistos de emoções, aprendizagens e desafios capazes de contribuir para a formação da identidade das crianças, e que esse momento pode ser enriquecido de recursos que transformem a contação num momento de fantasia e de incentivo à criatividade. Ainda, tais práticas quando incluem a ludicidade, trazem também um pensamento sobre as atividades cotidianas daí entender-se a importância do lúdico como uma metodologia de ensino.

Além disso, segundo os estudos feitos neste trabalho, a criança imita a vivência dos personagens para ampliar as suas aventuras, pois se identifica com tudo o que lhe é narrado e as experiências dos mesmos e assim pode aperfeiçoar formas diferentes de encarar as diversas situações do cotidiano, por essa razão o professor tem um papel importantíssimo na escolha da estória a ser contada e a maneira como irá contá-la. Várias crianças chegam à escola com carências que implicam não só o desenvolvimento físico, mas também o emocional e psicológico. E se ao contar estórias vão ajudá-las a se tornarem pessoas melhores e sãs emocionalmente, o professor deve trazer esta opção para auxiliar seus alunos. Desta forma, é estimulando as crianças a imaginar, criar, envolver-se, que se favorece o enriquecimento e desenvolvimento do caráter, por isso, é de fundamental importância o conto em sala de aula; acredita-se também, que a contação de estória pode intervir de modo significativo sobre a aprendizagem, visto que o fantasiar e o imaginar antecedem a leitura.

Para ser um contador de estórias infantis é fundamental ser dinâmico, criativo e conhecer algumas técnicas para que o ouvinte viaje ao mundo da

imaginação e voe distante. O professor pode obter técnicas por meio de pesquisas, minicursos, palestras e até mesmo um curso de teatro, pois para contarmos estórias precisamos interpretá-las e gostar de ler para procurar textos mais interessantes.

Ser professor é ser mais que um transmissor de assuntos e conhecimentos. É participar do desenvolvimento aluno, compartilhando seus fracassos e conquistas. Deve incentivá-los a não desistirem quando as derrotas chegarem, embora estas palavras não sejam pronunciadas claramente, as estórias infantis as levam a esta mesma conclusão.

Por isso, evidencia-se com o estudo feito que a contação de estórias se torna um método eficaz para o desenvolvimento das crianças, contribuindo em sua relação com o mundo que a cerca, respondendo assim às suas carências afetivas e intelectuais pela proximidade com o conteúdo simbólico das leituras que lhes são apresentadas. Afinal é fundamental renovar as metodologias, motivar as aulas e trazer a criança para perto e tocá-las com as representações incluídas nas estórias.

Refletindo tudo que foi estudado, organizado e investigado, chega-se ao resultado de que a contação de estórias enriquece a realidade metodológica dos professores e auxilia na formação de alunos como leitores, fortalecendo a introdução ao mundo literário e desenvolvendo o interesse pela leitura, além de melhorar no crescimento pessoal e na interação social. Esta prática, especialmente quando é guiada por um livro de forma concreta, pode estimular um interesse ainda maior das crianças, que desejam estar em contato com ele, no qual compara a estória contada e imaginada com aquela que está escrita no livro.

A contação de estórias, ao contrário de muitas informações erradas, não está em desuso, ao contrário ela está mais viva e copiosa na sociedade, apesar de seu reconhecimento ainda não ter alcançado a totalidade desejada conforme seu verdadeiro valor. Portanto, espera-se com este trabalho alcançar e atrair novos olhares para este tema tão relevante, contribuindo para novas pesquisas e explorações que irão levantar e acrescentar reflexões a respeito da produção do conhecimento por meio da contação de estórias.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1989.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 2.ed. São Paulo: Scipione; 1991.

----- **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

----- **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo. Scipione, 2001.

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis, vozes, 2001.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Editora Paz e Terra, 2002

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2009.

BRANDÃO, Soraya Maria Barros de Almeida. **GESTOS E FALA NAS NARRATIVAS INFANTIS**. Tese de Doutorado de Pós-Graduação em Linguística. UFPB, 2015. 210 páginas.

BRANDÃO, Ana Carolina Perussi. ROSA, Ester Calland de Sousa, Organização. **Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BRASIL. **Constituição**: República Federativa do Brasil de 1988. Brasília. DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Versão Final. Brasília, DF, 2018.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos grandes segredos da narrativa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BUSATTO, Cléo. **A Arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço.** Petrópolis: Vozes, 2008.

BRAGA, Clarissa Bittencourt de Pinho; GONÇALVES, Rosselini Brasileira Rosa Muniz; SOARES, Dielma, Castro. **O canto do conto como ferramenta de disseminação da diversidade étnica nas histórias infantis.** Congresso luso-brasileiro de História da Educação, 2014.

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade.** São Paulo: Ática, 1999.

COELHO, N. N. **Literatura infantil.** 7. ed. São Paulo: Editora Moderna, 2002.

COELHO, Beth. **Contar histórias: uma arte sem idade.** São Paulo: Ática, 2001.

CRAIDY, Carmem. **Educação infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Art. Med. 2001.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a leitura em sala de aula.** São Paulo: Contexto. 2010.

FERREIRA, Juliana de Freitas; SILVA Juliana Aguirre da; RESCHKE, Maria Janine Dalpiaz. **A importância do lúdico no processo de aprendizagem.** Disponível em: <https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/A%20IMPORTANCIA%20DO%20LUDICO%20NO%20PROCESSO.pdf> Acesso em: 25 de outubro de 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MÁXIMO-ESTEVEVES, Lídia. **Da Teoria a Prática: educação ambiental com as crianças pequenas ou o fio da história.** Porto, Portugal: Porto Editora Ltd., 1998

MELO, Luciana; VALLE, Elizabeth. **O brinquedo e o brincar no desenvolvimento infantil.** Psicologia Argumento, Curitiba, v. 23, n. 40, p. 43-48, jan./mar. 2005.

PIAGET, Jean. ININHELDER, Barbel. **A psicologia da criança**. São Paulo: DIFEL, 1982.

PIAGET, Jean. *A Linguagem e o Pensamento da Criança*. Trad. Manuel Campos. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

RITER, Caio. **A formação do leitor literário em casa e na escola**. 1ª Ed. São Paulo: Biruta, 2009.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **O nascimento da inteligência da criança**. Editora Crítica: São Paulo, 1986.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

----- **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho imagem e representação**. Rio de Janeiro: LTC; 1990.

----- **Psicologia e Pedagogia**. Lisboa: Editorial Estampa, 1991.

WALLON, Henry. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Eu, **Leidiane Santos Januário**, acadêmico (a) do Curso de graduação em pedagogia da Faculdade Amadeus/FAMA, orientado (a) pela Prof. (a) Dr^a Maria Aparecida Souza Couto, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso, cujo tema versa sobre: **A ludicidade na Contação de Estórias para os alunos da Pré-Escola**, atende às normas técnicas e científicas exigidas na elaboração de textos e ao Regulamento para Elaboração do TCC da referida Instituição.

As citações e paráfrases dos autores estão indicadas e apresentam a origem e ideia do autor (a) com as respectivas obras e anos de publicação.

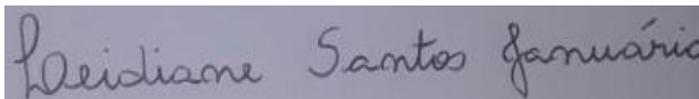
O Código Penal em vigor, no Título que trata dos Crimes Contra a Propriedade Intelectual, dispõe sobre o crime de violação de direito autoral – artigo 184 – que traz o seguinte teor: Violar direito autoral: Pena – detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano, ou multa. E os seus parágrafos 1º e 2º, consignam, respectivamente:

A § 1º Se a violação consistir em reprodução, por qualquer meio, com intuito de lucro, de obra intelectual, no todo ou em parte, sem autorização expressa do autor ou de quem o represente, (...): Pena – reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa, (...).

§ 2º Na mesma pena do parágrafo anterior incorre quem vende, expõe à venda, aluga, introduz no País, adquire oculta, empresta troca ou tem em depósito, com intuito de lucro, original ou cópia de obra intelectual, (...), produzidos ou reproduzidos com violação de direito autoral (Lei n.º 9.610, de 19.02.98, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais, publicada no D.O.U. de 20.02.98, Seção I, pág. 3).

Declaro, ainda, minha inteira responsabilidade sobre o texto apresentado no Trabalho de Conclusão de Curso.

Aracaju SE, 19/ 11/ 2021.



Assinatura da aluna concluinte